

# Diáspora africana, mobilidade acadêmica e ensino superior: um relato de experiência do Programa de Desenvolvimento Acadêmico Abdias do Nascimento na Colômbia

African diaspora, academic mobility and higher education: the case of the Abdias do Nascimento Academic Development Program in Colombia

*Iberê Araujo da Conceição\**

**Resumo:** este trabalho traz um relato de experiência fruto de participação como intercambista pelo Programa de Desenvolvimento Acadêmico Abdias do Nascimento, coordenado pelo Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros da Universidade Federal de São Carlos. A mobilidade acadêmica foi realizada em parceria com a Universidad Distral Francisco José de Caldas, em Bogotá, Colômbia, este relato tem como tema as relações étnico-raciais no ensino superior, as ações afirmativas e a diáspora afrocolombiana. Ele é resultado das observações realizadas entre julho de 2017 e junho de 2018. As conclusões obtidas destacam a necessidade de que as políticas de ações afirmativas atinjam todos as esferas do ensino superior, destacando o potencial de mobilidade sociale também nos deslocamentos epistemológicos provocados pelos corpos que são reiteradamente excluídos pela modernidade-colonialidade ocidental. Também se conclui que é importante criar essas redes diaspóricas em contato, favorecendo a troca de saberes e sempre desvelando as históricas silenciadas na historiografia hegemônica.

**Abstract:** this work presents an experience report as an exchange student for the Abdias do Nascimento Academic Development Program, coordinated by the Afro-Brazilian Studies Center of the Federal University of São Carlos. Academic mobility was carried out in partnership with the Universidad Francisco José de Caldas, in Bogotá, Colombia. This report focuses on ethnic-racial relations in higher education, affirmative action, and the Afro-Colombian diaspora. It is a result of the observations made between July 2017 and June 2018. The conclusions obtained highlight the need for affirmative action policies to reach all spheres of higher education, highlighting the potential of social mobility and also the epistemological displacements caused by the bodies which are repeatedly excluded by Western modernity-coloniality. It is also concluded that it is important to create these diasporic networks in contact, favoring the exchange of knowledge and always revealing the historical silenced ones in hegemonic historiography.

**Palavras-chave:** Diáspora Africana. Decolonialidade. Ações afirmativas. Afrocolombianos. Relações Étnico-Raciais.

**Keyword:** African Diaspora. Decoloniality. Affirmative actions. Afrocolombians. Ethnic-Racial Relations.

\* Bacharel em Ciências Biomédicas pela UNESP de Botucatu. Mestrando em Sociologia pelo Programa de Pós-Graduação em Sociologia - UFSCar São Carlos, com financiamento da CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior). Pesquisador no Núcleo de Estudos Afro-brasileiros-NEAB/UFSCar. ORCID iD: <<http://orcid.org/0000-0002-8174-6298>>. E-mail: [iberearaujo@gmail.com](mailto:iberearaujo@gmail.com).

## Introdução

Este trabalho é um relato de experiência de intercâmbio realizado por mim no âmbito do Programa de Desenvolvimento Acadêmico Abdias do Nascimento<sup>1</sup>. Este é um programa de intercâmbio de dimensão nacional direcionado a estudantes negros, indígenas e com deficiência, e foi uma conquista da organização nacional dos Núcleos de Estudos Afro-brasileiros, frente ao programa Ciências Sem Fronteiras, que fora considerado excludente para essas populações. No contexto da UFSCar, o programa coordenado pelo Núcleo de Estudos Afro-brasileiros (NEAB-UFSCar), em que participo do projeto intitulado: *Conhecimento, pesquisa e inovações curriculares na formação de professores para a diversidade étnico-racial no ensino superior: questionamentos e contribuições das matrizes étnico-raciais e culturais, de saberes africanos e afrodescendentes*, na cidade de Bogotá, Colômbia.

É importante destacar que a pesquisa ainda não foi finalizada, portanto, este trabalho irá focar na experiência e observações feitas por mim durante a estadia de julho de 2017 a junho de 2018 na Colômbia. A partir das observações em campo, como um sociólogo em formação, discutirei através do eixo transversal das relações étnico-raciais questões de identidade, ações afirmativas e ensino superior na Colômbia.

Nesse sentido, destaco no texto as observações da experiência de ter sido um intercambista *outsider within*<sup>2</sup> como um sociólogo em formação e observador das dinâmicas das relações étnico-raciais. Também trato das reflexões sobre a opção estratégica do diálogo Sul-Sul e das redes afrodiáspóricas<sup>3</sup>, contextualizando minimamente as diversas afrodiásporas da Colômbia e as suas relações geopolíticas contemporâneas. Por fim, ressalto a importância de se resgatar as históricas silenciadas pelo colonialismo, destacando o potencial transformador de revitalizar a historiografia daqueles que sempre resistiram ao julgo colonial-capitalista e seu aparato epistemológico eurocêntrico.

---

<sup>1</sup> O programa teve financiamento da CAPES e tinha como objetivo geral “[...] propiciar a formação e capacitação de estudantes autodeclarados pretos, pardos, indígenas e estudantes com deficiência [...] conferindo-lhes a oportunidade de novas experiências educacionais e profissionais voltadas à educação, à competitividade e à inovação em áreas prioritárias para a promoção da igualdade racial, do combate ao racismo, do estudo e valorização das especificidades socioculturais e linguísticas dos povos indígenas, da acessibilidade e inclusão no Brasil, e da difusão do conhecimento da História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena”. Disponível em: <<http://abdiasnascimento.mec.gov.br>>.

<sup>2</sup> *Outsider Within* é um termo cunhado pela Socióloga Patrícia Hill Collins (2016) e que versa sobre a condição das mulheres negras na academia. Utilizo aqui por considerar que qualquer negro é, de fato, um *outsider*, ao passo que, o *within* destaca essa participação dentro da academia, neste caso como intercambista/pesquisador. Alguns sentidos atribuídos ao termo remetem às reflexões da obra *O Estrangeiro* de Simmel (1921), no qual este *status* de *outsider within* produz uma “objetividade” específica do observador, também facilita a tendência das pessoas se abrirem para “estranhos” e, por último, a qualidade de identificar padrões naquela sociedade o qual ele não estava imerso.

<sup>3</sup> Devo agradecimentos especiais ao movimento social Processo de Comunidades Negras, à Rádio Kumbé e a outras parcerias, que me permitiram acessar com certa profundidade a realidade da população negra do país, que sem dúvida tornaram a experiência muito mais rica.

## Programa de Desenvolvimento Acadêmico Abdias do Nascimento

Abdias do Nascimento é, provavelmente, a figura mais importante do movimento negro brasileiro do séc. XX. Em meados desse século, fez parte da Frente Negra Brasileira, foi um dos fundadores do Teatro Experimental do Negro (TEN), intenso ativista pela causa população negra, denunciava o racismo presente, a falsa democracia racial<sup>4</sup> e o genocídio do negro brasileiro (NASCIMENTO, 1978). Foi também escritor, pintor, ator, dramaturgo e exilado durante a ditadura militar, quando retorna e retoma a atividade política no movimento pela redemocratização do País, se tornando um dos líderes do Movimento Negro Unificado (MNU).

O projeto tem como objetivo realizar uma análise do impacto da diversidade – étnica/racial – presente nas instituições participantes no contexto da produção de conhecimentos. O foco é a busca por compreender o diálogo de conhecimentos e práticas entre universidades e grupos, que compõem a diversidade étnico/racial presente nas instituições, com foco nas possíveis transformações que essa diversidade tem gerado nas instituições de ensino.

Os estudantes de graduação e de doutorado, que integram o projeto coordenado pelo NEAB-UFSCar, são oriundos de diversas áreas, como Pedagogia, Biologia, Ciências Sociais Biblioteconomia e Ciências da Informação. O projeto visa estabelecer uma rede transnacional de investigação conjunta entre pesquisadores e pesquisadoras do Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar-Brasil) em parceria com três instituições internacionais: Universidad Distrital Francisco José de Caldas (Colômbia), Geogia State University (EUA) e Université Paris Nanterre (França).

A Universidade Federal de São Carlos teve papel importante na construção das políticas de reservas de vagas para negros, indígenas e pessoas de baixa renda. Tendo adotado a política a partir de 2007, posteriormente em 2012, abarcou a Lei 12.711/2012. Definindo quatro grupos cotistas, sendo 50% provenientes de escola pública, deste universo, metade das vagas direcionadas às pessoas de baixa renda e outra parte destinada a estudantes pretas e pardas proporcionais aos dados do censo estadual, e deste último grupo outra metade que tenha baixa renda. Também é garantida uma vaga para pessoas com deficiência e uma vaga para indígena, que pode concorrer através Vestibular Indígena. Além disso, atualmente a instituição tem adotado reserva de vagas na pós-graduação, conforme induz a Portaria MEC nº 13/2016 (UFSCAR, 2016). Assim, a UFSCar se insere como uma das universidades brasileiras pioneiras na implementação de ações afirmativas e o Programa Abdias do Nascimento é mais um sinal desta trajetória de compromisso político e ético com a sociedade brasileira.

Dito isto, os aportes teóricos utilizados nesse trabalho são em grande parte fruto dos aprendizados durante o período de intercâmbio. Em especial, a minha participação como estudante regular das disciplinas *Identidad, Diferencia y Escuela* e *Movimientos Sociales*, ministradas pelo excelente professor Wilmer Villa Amaya, que teve um enfoque nos estudos decoloniais.

---

<sup>4</sup> Tese difundida por Gilberto Freyre em *Casa Grande & Senzala*, no qual haveria uma harmonia racial no Brasil.

## Descolonização do conhecimento

As reflexões dos estudos pós-coloniais e decoloniais nos permitem pensar sobre as potencialidades de políticas de ação afirmativa e de diretrizes curriculares antirracistas. Assim, as políticas implementadas a partir das Leis 12711/12, 10639/03 e 11645/08 no contexto brasileiro<sup>5</sup>, e da Cátedra de Estudos Afrocolombianos<sup>6</sup> no contexto colombiano, são entendidas como estratégias de descolonização epistemológica do ensino superior, “[...] de desracialização da produção do conhecimento e de deslocamentos das representações subjetivas no imaginário de uma sociedade racialmente constituída” (MATTIOLI, 2014, p. 15).

A adoção de ações afirmativas nas universidades brasileiras e a crescente presença de estudantes negros(as) no ensino superior não apenas têm explicitado importantes críticas ao ensino superior como racialmente excludente, como também têm tensionado a universidade como espaço de deslocamento epistemológico da matriz eurocêntrica de produção de conhecimento e de desestabilização das representações subjetivas existentes no imaginário de uma sociedade racialmente constituída.

Não bastam apenas o reconhecimento e a vontade política para descolonizar a mente, a política, a cultura, os currículos e o conhecimento. Essa descolonização tem de ser acompanhada por uma ruptura epistemológica, política e social que se realiza também pela presença negra nos espaços de poder e decisão; nas estruturas acadêmicas; na cultura; na gestão da educação, da saúde e da justiça: ou seja, a descolonização, para ser concretizada, precisa alcançar não somente o campo da produção do conhecimento, como também as estruturas sociais e de poder. (GOMES, 2018, p. 225-226)

Moore (2007) observa que o racismo se configura como um sentimento, mais especificamente um sentimento de ódio, a uma determinada comunidade humana, identificada pelos seus traços fenotípicos como o Outro do Ocidente. Esse sentimento se materializou na modernidade ocidental como um sistema capaz de formatar a realidade social, estruturando-a de maneira pigmentocrática, ou seja, posicionando os sujeitos e alocando os privilégios e as subalternidades sociais a partir de critérios raciais. Assim, a categoria raça - embora uma ficção - é real em seus efeitos materiais, simbólicos e políticos. Como nos aponta Dussel (2000), a modernidade, assentada na categoria raça, justificou “[...] uma práxis irracional da violência” (p. 49), ao criar sujeitos e grupos humanos despidos de humanidade e transformados em objetos “do ego moderno” a serem conquistados, civilizados, modernizados, que transformou os europeus “[...] nos missionários da civilização em todo o mundo, em especial, com os chamados povos colonizados” (DUSSEL, 1992, p. 46).

O racismo pode ser compreendido, nos termos de Carneiro (2005), como um regime de verdade, constituído a partir do lócus de enunciação da própria Europa, no qual o conhecimento, os saberes e a ciência produzem efeitos de poder e são arbitrariamente legítimos em produzir e controlar o corpo dos sujeitos, ao mesmo tempo em que apagam, dissimulam ou silenciam outras formas de saberes, processo denominado por Boaventura (*apud* CARNEIRO, 2005) como epistemicídio.

---

<sup>5</sup> Leis que tornam obrigatório o estudo da história e cultura Afro-brasileira e Indígena nos ensinos fundamentais e médios.

<sup>6</sup> Proposta de etnoeducação para as populações negras desenhadas para atuar nos ensinos fundamental e médio.

Nesse sentido, a perspectiva decolonial sustenta que na ordem do sistema-mundo moderno/colonial a ideia de raça se constituiu como signo e “[...] princípio organizador da acumulação capitalista em escala mundial e das relações de poder nas sociedades contemporâneas” (QUIJANO, 2005, p. 106). Esse padrão de poder não se restringiu ao controle do trabalho, mas envolveu processos de controle dos Estados e de suas instituições e da própria produção do conhecimento. A modernidade ocidental forjou um universalismo europeu (leia-se branco), compreendido com um conjunto de doutrinas e pontos de vista ético-normativos “que derivaram do contexto europeu e ambicionaram ser valores universais” (WALLERSTEIN, 2007, p. 60).

Essa invenção produziu como efeitos a constituição de uma hierarquização de conhecimentos, saberes, experiências, sujeitos e grupos humanos, que transpôs a própria experiência colonial. Fanon (1983) observou que as narrativas ocidentais coloniais destituem o Outro de sua singularidade, emprestando-lhe um apagamento que tem impacto não apenas na produção de conhecimento como na própria constituição de subjetividades. Assim, com o autor podemos compreender que a situação colonial como experiência de negação sistemática de humanidade dos sujeitos não brancos.

Essa construção colonial da subjetividade moderna em que não se reconhece a humanidade do ser negro, Maldonado-Torres, a partir das contribuições teóricas de Anibal Quijano, Walter Dignolo e Enrique Dussel, denomina de colonialidade do poder, colonialidade do saber e colonialidade do ser (LANDER; OTHERS, 2005; MALDONADO-TORRES, 2003)

[...] a colonialidad del poder se refiere a la interrelación entre formas modernas de explotación y dominación, y la colonialidad del saber tiene que ver con el rol de la epistemología y las tareas generales de la producción del conocimiento en la reproducción de regímenes de pensamiento coloniales, la colonialidad del ser se refiere, entonces, a la experiencia vivida de la colonización y su impacto en el lenguaje. (MALDONADO-TORRES, 2003, p. 130).

Essa amarração dos três conceitos fica evidente quando analisamos a máxima cartesiana *Cogito ergo sum*, ou “Penso logo sou”. Então, temos que, no interior de “Eu Penso” existe também “Outros não pensam”, enquanto que no “Sou”, está intrínseco que outros “Não são”. Em outras palavras, são desprovidos de ser, já que não pensam, o que Dussel denominou *ego conquiro* (MALDONADO-TORRES, 2003, p. 144).

Em resumo, a colonialidade é a perpetuação da imposição do poder colonial nas estruturas subjetivas de uma população, invadindo sua construção interna de sujeito e fixando a lógica colonial mesmo após o reconhecimento formal de seu fim. (GOMES, 2018)

## Ações afirmativas Brasil e Colômbia

Desde o final da década de 1970, o movimento negro no Brasil tem ganhado força e reivindicado uma série de direitos até então negados pelo Estado. Uma parte dessas demandas dizia respeito ao enfrentamento da discriminação racial, ou seja, o reconhecimento de que racismo existe e de que deve ser coibido pelo Estado. Outra parte está mais preocupada com as desigualdades de oportunidades, em especial, ao acesso à educação, que seria o percurso ordinário para as outras oportunidades como

emprego, saúde, moradia e cultura. Foi no bojo dessas demandas e também por influência das experiências de lutas negras nos Estados Unidos da América, que a reivindicação por ações afirmativas na educação ganhou força dentro do movimento negro e, posteriormente, na sociedade brasileira.

A III Conferência Mundial contra o Racismo, a Discriminação Racial, Xenofobia e formas correlatas de Intolerância – realizada em Durban/África do Sul em 2001, que contou com protagonismo da representação brasileira, foi de extrema importância para um novo impulso de ações políticas para o combate o racismo, se tornando um marco mundial. Entre essas políticas, destacam-se a adoção de reserva de vagas no ensino superior e legislação específica para ensino de História e Cultura Africana e Afro-brasileira no caso brasileiro (UFSCAR, 2016).

Para o contexto colombiano, apesar de a Carta Constitucional de 1991 reconhecer a Colômbia como multicultural, foi somente a partir dos ecos de Durban que em 2005 o critério racial voltou a fazer parte do Censo Nacional (MENDES, 2008). As principais demandas e conquistas do movimento social afrocolombiano se deram no contexto rural, em especial, a conquista da Lei 70, de 1993, que reconheceu os territórios ancestrais das comunidades negras. Esse reconhecimento, que ocorreu dentro do marco multicultural da Constituição Colombiana de 1991, definiu as comunidades negras<sup>7</sup> do Pacífico, com certo número de características que as diferenciam de outros grupos étnicos, o que, por sua vez, provocou mudanças significativas nas próprias construções de identidade dessa população e produziu certo tipo de expropriação neoliberal dessas identidades, de cunho folclórico.

Foi também dentro deste marco que se promoveu a Cátedra de Estudos Afrocolombianos (CEA), que opera semelhante à nossa lei anteriormente mencionada, contudo é explícito em relação à perspectiva da etnoeducação. Contudo, nos chamou a atenção a ausência na Colômbia de uma lei nacional que institua uma porcentagem de reserva de vagas. Assim, quando há reserva de vagas para negros e indígenas, geralmente é por meio de decisões do Conselho interno das próprias universidades. Sendo que a universidade pública com maior porcentagem de reserva de vagas para negros é a Universidad del Valle, que se localiza na cidade de Cali, Departamento de Valle Del Cauca. Segundo o censo oficial do país (DANE, 2005), a cidade possui 26,2% da população negra, ainda que, ativistas afrocolombianas apontem críticas ao método, o qual ele subestimaria essa população. Dado contexto, a Universidad del Valle reserva 4% das vagas para estudantes indígenas e afrocolombianos que realizem o processo seletivo. Porém, a desistência dos estudantes cotistas durante o curso permanece alta. (MENDES, 2008)

No caso da Universidad Distrital Francisco José de Caldas, que é a universidade onde realizei o intercâmbio, o que se tem são bolsas pontuais de algumas agências e ONGs para a população afrocolombiana e uma vaga por sala para afrocolombianos, ainda assim muitas vezes essa vaga não é preenchida ou o aluno não consegue permanecer no curso até o fim.

---

<sup>7</sup> “[...] el movimiento negro se encontraban marcadas por el proceso de **etnización** (y a fuese por su aceptación o surechazo) em el cual el sujeto político y de derechos recaía em la noción de que las comunidades negras constituía nun grupo étnico con una cultura propia y diferenciable e nel marco de la sociedad colombiana. Esta cultura propia se consideraba como el resultado, sobre todo, de la existencia de unas formas de organización y prácticas tradicionales de producción de unas ‘comunidades’ en unos territorios específicos que evidenciarían una particular lógica cultural garante de La conservación ambiental.” (RESTREPO, 2013, p. 13)

## Classificação étnico-racial

A Colômbia, diferente do Brasil, não possui um longo histórico de censo populacional a partir dos determinantes étnico-raciais, tal que entre 1918 e 1985 os dados sobre a população negra não foram produzidos. Segundo Estupiñan (2010), a partir dos dados do censo colombiano (realizado pelo DANE),

O Censo 2005 estabeleceu que a população negra (negros, mulatos, afrocolombianos, afrodescendentes, raizales e palenqueros) representa o 10,5% do total nacional. Desde então, esta é a cifra oficial de população negra na Colômbia, muito distante do 1,5% do censo de 1993 e do 26% estabelecida em 1998 por representantes negros.

As classificações étnico-raciais tem sido um obstáculo para o movimento afrocolombiano, frequentemente é alvo de críticas por parte das organizações, acusam o censo desde subnotificações até de vazamento de dados sigilosos para grupos paramilitares. Além disso, outro problema relacionado às classificações étnico-raciais, que me chamou muito a atenção durante todo o período de intercâmbio, é a autoidentificação do grupo racial hegemônico, os *blanco-mestizos*<sup>8</sup>. Primeiro, existe uma ideologia muito forte da *mestiçagem* no país, no qual todos seriam mestiços; nesse sentido, é usual para os colombianos se pensarem enquanto *brancos*, que é uma categoria utilizada para estrangeiros. Para a população racializada como *negra*, a categoria que mobiliza a solidariedade racial é afrocolombiana, que é entendida em termos étnicos.

É importante notar o impacto que a cultura da mestiçagem (ou de seu mito) e a Constituição de 1991 tiveram para estabelecer uma relação entre quem é normal e quem é *Outro*, que seria o étnico. Ou seja, nesse marco político, houve o reconhecimento da nação como multicultural e pluriétnico. No entanto, e em contraste com o Brasil, não existe o reconhecimento do racismo e das relações raciais, assim os direitos políticos para os indígenas e para os afrocolombianos se deram dentro da chave étnica. As implicações disso eu pude observar em campo, pois quando apliquei o questionário piloto para estudantes da Universidad Distrital, em que havia uma pergunta sobre a sua classificação étnico-racial, a maioria respondeu “sem pertencimento étnico”, “não sabia” ou “nenhum” e alguns responderam “mestiços”. Esse achado corrobora com os dados oficiais do último censo divulgado no país, em que se obteve:

---

<sup>8</sup> Essa é a categoria tal qual eles a utilizam. Aqui realizarei a tradução para branco-mestiços daqui em diante, para que fique mais palpável a comparação aos termos branco e mestiços no Brasil.

**Tabela 1: grupo étnico e população**

<b>Grupo étnico</b>	<b>Población</b>
Indígena	1.392.623
Rom	4858
Afrocolombiano	4.311.757
Sin pertenencia étnica	34.898.170
<b>Población nacional</b>	<b>40.607.408</b>

Fonte: DANE, Censo Geral (2005).

Como já dito, os branco-mestiços foram o grupo racial hegemônico do país e estão situados nas regiões de maior desenvolvimento econômico do país, além de ser os locais onde se concentra o poder político, em especial as cidades de Bogotá e Medellín. Inclusive, a regionalização é a grande marca da Colômbia, a dificuldade de trânsito devido às condições geográficas tem sido um dos grandes obstáculos das populações, desde antes da colonização. Assim, não cabe nesse trabalho detalhar as características regionais e a história política e social do país; contudo, é produtor para os nossos objetivos levantar algumas características e condições gerais sobre a população afrodiáspórica nessas regiões.

## As diásporas afrocolombianas

É importante destacar que não se trata de essencializar todo esse conjunto de populações e indivíduos diversos, de gênero, classes, sexualidades e outros condicionamentos e diferenças a que os seres humanos estão submetidos. Ainda assim, pretendo aqui superficialmente colocar algumas questões políticas que diferenciam substancialmente a experiência negra em quatro regiões do país, que são o Caribe Continental, Caribe Insular, Pacífico e Andina. Outro ponto importante é que essas diferenciações são também consideradas quando na aplicação da Cátedra de Estudos Afrocolombianos, apesar de poucos esforços serem feitos nesse sentido, ainda há um reconhecimento das particularidades das regiões.

O Caribe Continental tem como principais cidades Barranquilla, Santa Marta e Cartagena. São cidades populosas, com grande apelo turístico e comércio portuário. Essa foi, segundo Munera (1998), a região de maior importância para a Coroa Espanhola e rivalizou com Bogotá pelo poder político na região da *Gran Colômbia* (que incluía a Venezuela). No entanto, durante o processo de independência, a elite crioula (espanhóis nascidos na colônia) trai as lideranças de Cartagena para obter a hegemonia da região e também, sob a liderança de Simón Bolívar, rompe com o tratado firmado com as forças haitianas do general Petión, que ofereceu apoio militar para a independência em troca da liberdade aos escravizados. Desde, então, a desigualdade da cidade “mulata” de Cartagena (e sua região) se acentuou e, sob um olhar brasileiro, é bem parecido com o nosso país em termos étnico-raciais e de desigualdade social.

É importante destacar também a presença de San Basílio Del Palenque que se localiza próximo de Cartagena. Palenque é sinônimo de quilombo, sendo o este o mais antigo a se manter nos dias de hoje, sendo considerado Patrimônio Imaterial da Humanidade pela ONU. Surgida da rota de fuga dos escravizados, resistiu às

tentativas de invasão e logrou negociar sua autonomia com a coroa, contudo ao longo dos anos foi perdendo território por pressão do Estado e dos latifúndios, mas ainda mantém sua língua própria *palenquera*, seus costumes, sua escola e anualmente realizam o Festival de Tambores de Palenque, que reúne gente do país todo e também do exterior.

O Caribe Insular consiste nas ilhas de San Andrés e Pravidência. Essas ilhas sofreram inicialmente colonização inglesa e posteriormente passaram ao domínio colombiano. Assim como a maior parte das ilhas caribenhas, houve um uso intenso de mão-de-obra escravizada, de tal forma que a população tem uma população afrocolombiana maior que 90%. No entanto, apesar de estarem sob o “guarda-chuva” do termo afrocolombiano, a população local se identifica como *raizal*, que consiste numa tripla herança cultural de origem inglesa, caribenha e africana. Além disso, o isolamento geográfico permitiu diferenciações linguísticas importantes, falam inglês, inglês-criolo e também o espanhol. Atualmente, as ilhas estão sob disputa política da Nicarágua e da Colômbia sobre quem deveria controlar o território, enquanto isso cresce um movimento interno por autonomia política dos raizais, principalmente por conta da grande pressão dos conglomerados hoteleiros americanos que tem se instalado nas ilhas.

O Pacífico Colombiano é a região de maior presença negra no país, povoada a partir das migrações para o ciclo da mineração do ouro, essa região não costuma receber grande atenção do Estado colombiano. Pouco urbanizada é onde se localiza a maior parte das comunidades negras rurais, mas também possui algumas cidades importantes. A principal delas é a cidade de Cali, que é também uma cidade com uma presença multiétnica importante, com grande oferta de serviços e sede de dois grandes eventos do país, a Feira de Cali, que é um evento voltado para a Salsa (inclusive contam com um salsodrama). O segundo evento é o Festival de Música del Pacífico Petronio Álvarez, que é sem dúvida um dos maiores eventos da diáspora africana, com grande apelo às culturas tradicionais da região. Existem muitas cidades pequenas na região, outras médias como Quibdo, Tumaco e Buenaventura, que gozam de uma população quase em sua totalidade negra, com exceção aos donos de estabelecimentos e comércios, que costumam ser branco-mestiços.

É importante destacar que essa é a região mais impactada pelo conflito civil no país. Entre 2000 e 2015 não somente a população negra, como também a indígena e campesina, sofreu com a intensificação da guerra e com os inúmeros casos de recrutamento forçado, assassinato de lideranças, violência sexual, massacres e outros abusos cometidos por todos lados do conflito: exército colombiano, exército norte-americano, guerrilhas, narcotraficantes e, principalmente, pelos paramilitares<sup>9</sup>. Tendo a região liderado a votação a favor do processo de paz em 2013 (com índices em média superiores a 90% de aprovação), agora ela se vê em nova instabilidade, com a iminência de um retorno ao conflito, em grande parte incentivado pelo atual presidente eleito, Iván Duque, e seu padrinho político e ex-presidente, Álvaro Uribe.

A Região Andina é a região onde permaneci a maior parte do tempo, as porcentagens de população afrocolombiana são baixos comparados às outras regiões do país, principalmente quando se está nas regiões mais centrais da cidade. No

---

<sup>9</sup> O professor equatoriano, Santiago Arboleda Quiñones (2016), faz uma análise fundamental desse período e da política que modificou substancialmente o conflito, chamado *Plan Colombia*. Para o autor, o acordo bilateral da Colômbia e dos Estados Unidos, em que se permitiu a participação do exército americano e a entrada de grande volume de dólares no esforço de guerra, configurou um desenho transnacional da guerra neocolonialista, que inaugurou o século XXI.

entanto, uma parcela importante da população negra das outras regiões, em especial do Pacífico, foram *desplazadas*<sup>10</sup> e sem nenhum tipo de seguridade social ou apoio por parte do Estado tiveram que se restabelecer nesses grandes centros, em geral em suas periferias. Além disso, outra parte importante da população negra na região andina, principalmente em Bogotá, foi deslocada para a capital por conta do poder político. Dessa forma, Bogotá acaba se tornando também um local de concentração de lideranças e dos filhos dessas lideranças, que muitas vezes vão para a capital para realizar um curso superior e tentar atuar junto com os dispositivos estatais. Outro fator é que pelo fato de ser uma cidade que em geral não sofreu tanto com a violência cotidiana do conflito civil comparada às outras regiões e também por ser extremamente grande, acaba sendo mais segura para esses ativistas. Como mencionado anteriormente, a região Andina rivalizou historicamente com o Caribe pelo poder político e econômico, sua vitória e o estabelecimento como centro hegemônico do país produziu efeitos também nas relações étnico-raciais. Desse modo, configurou-se um *andinocentrismo*, em que as hierarquias geográficas (regionais) e étnico-raciais se definiriam naturalmente, no qual a cor branca seria o elemento central da nação. (ARROCHA et al, 2007)

## Observações de um *outsider*

Não é novidade que o destino dos intercambistas no Brasil (e no mundo) costuma ser a Europa e os Estados Unidos, assim como o grupo de pessoas que alcançam essa oportunidade são na maior parte brancas de classe média alta. A minha experiência como pesquisador e intercambista negro esteve sempre flutuante nos imaginários das pessoas que conhecia, principalmente quando explicava o caráter afirmativo do programa. Até que eu falasse alguma coisa eu era um corpo estranho em praticamente todo lugar. Na capital, eu era visto provavelmente como do Caribe ou do Pacífico, no Pacífico eu seria do Caribe ou Norte-Americano, no Caribe eu poderia passar por caribenho, desde que em silêncio. Até que, quando eu dizia ser brasileiro, isto fazia sentido para eles, mas somente se o motivo fosse de trabalho.

Na vivência universitária, o Brasil era visto como um modelo de desenvolvimento possível aos olhos dos estudantes colombianos. O ex-presidente Lula e a ex-presidenta Dilma gozam de extremo carisma entre eles. A universidade em que estive tem uma forte tradição marxista e de movimento estudantil organizado, fora criada inicialmente para as classes mais populares da cidade e com o tempo foi recebendo outros estratos sociais.

Ainda assim, as discussões sobre questões étnico-raciais ainda são incipientes, mesmo que o *negro* esteja na moda, como dizem alguns ativistas de lá. Dessa maneira, nós estudantes negros brasileiros fomos, durante todo o período, os únicos estudantes negros nas salas de aula que frequentamos e isso em nenhum momento pareceu incomodar o público. Uma das recordações marcantes que tenho foi no dia 21 de maio, dia da Afrocolombianidade (é também o dia que o presidente aboliu oficialmente a escravidão em 1851) em que foi organizado um evento na universidade. Fora organizado pelos dois únicos professores negros da Faculdade de Ciências e Educação, que contou com mais dois convidados negros e mais uns três alunos negros na platéia contando comigo. Estávamos no maior auditório da

---

<sup>10</sup> Não considero que haja uma tradução equivalente, mas se refere aqueles que foram deslocados forçosamente de suas comunidades e cidades por conta do conflito armado, em grande número dos casos porque sofriam ameaças, pressões ou até tiveram familiares assassinatos por grupos paramilitares.

universidade, que deve ter capacidade para mais de 400 pessoas, e estava quase lotado. Era notável o quase total desinteresse pelo tema e pelo que aquelas pessoas tinham para falar e o que aquela data representava. Essa experiência me suscitou questões já indicadas no início do texto sobre como opera as relações sociais na universidade. Eu me perguntava: quem pode falar? Qual conhecimento é válido? Quais temas são importantes? Quais mudanças devemos promover, rumo a uma democracia real?

Era de se esperar que eu não era o único a fazer essas perguntas. Os alunos negros já as estavam colocando e se organizando para se fazer falar e serem ouvidos. Assim como as estratégias de coletivização adotadas em universidades brasileiras e americanas, os negros das universidades colombianas também se organizam. Conheci alguns como os coletivos negros da Universidade Nacional da Colômbia, Universidade Pedagógica Nacional, Universidad del Rosario e o grupo Kombilesa que se propunha a reunir os estudantes negros do Distrito com protagonismo dos estudantes e também técnicos da Universidad Distrital.

Foi a partir desse contato estudantes negros que percebi que a nossa presença como intercambistas era motivo de curiosidade e motivação, já que as universidades públicas colombianas sequer são completamente gratuitas, além de contar com programas de permanência estudantil muito tímidos e a reserva de vagas de abrangência escassa. Pude notar também que muitos estavam se dedicando a aprender português, pois tinham a vontade de conhecer o Brasil e consideravam um país com mais avanços para a população negra. Também é notória a influência das produções acadêmicas e políticas da diáspora brasileira, em especial, a força que o feminismo negro ganhou no Brasil, sobretudo, através das redes sociais.

Tudo isso era crucial para entender como se estabelecem redes transnacionais da diáspora negra, assim como pude conhecer diversas estratégias de luta e resistência completamente originais e criativas. Outra convergência entre os estudantes negros nos dois países é a demanda por disciplinas que trabalhem os temas da diáspora e das relações étnico-raciais. Na minha experiência não havia nenhuma disciplina no curso de Ciências Sociais voltado para o tema, nesse caso tive que recorrer às disciplinas do curso de Língua Castelhana.

## Considerações finais

À guisa de conclusão, essa experiência de intercâmbio me autoriza a evidenciar as seguintes contribuições:

1. A importância e potência científica e política de se pensar as ações afirmativas em todas as dimensões do ensino superior, como forma de produzir oportunidades que buscam corrigir as distorções produzidas pelo capitalismo-colonial. Assim como, avança o debate sobre a necessidade urgente de criar rupturas epistemológicas no campo normativo da ciência. Em outras palavras, descolonizar o eurocentrismo acadêmico que é coprodutora da colonialidade;

2. A criação de redes Sul-Sul e redes diaspóricas de conhecimento se mostra coerente com os projetos políticos transnacionais que cada vez mais tem tensionado as antigas hierarquias geográficas e das relações de poder. Ou seja, a oportunidade de estudantes e pesquisadores negros dão fôlego às atuais pesquisas sobre as temáticas das relações étnico-raciais e da diáspora, não somente na educação, atualizando conceitos e permitindo trocas fundamentais de saberes;

3. A conjuntura nacional dos dois países em que temos um recrudescimento de políticas para as populações pertencentes às diásporas africanas, em pleno exercício da Década Afrodescendente da ONU, colocam em cheque uma série de direitos conquistados e outros que estão constantemente em luta. Assim, dar luz a esses temas é também contribui para por fim ao genocídio dos povos negros e indígenas nos dois países;

4. Permite uma maior compressão do fenômeno do racismo e sua plasticidade. Ao nos aproximarmos das dinâmicas de poder, podemos entender de que maneira o Estado e capitalismo organiza a sociedade hierarquizando racialmente os recursos, os direitos e as oportunidades em cada contexto geopolítico;

5. Dá luz a histórias silenciadas de resistência e colabora para a reconstrução de histórias silenciadas, além de contribuir para o estudo de novas estratégias educativas para as relações étnico-raciais e a construção de um imaginário que não seja subserviente ao poder dominante.

Dessa forma, considero importante exitosa os resultados do projeto até aqui, pois suscita um profícuo debate sobre o papel da diáspora na contemporaneidade e para a produção científica. Ademais, é salutar deixar claro que alguns temas ficaram às margens deste trabalho. Destaco a ausência de uma análise nacional e transnacional sob o olhar do Atlântico Negro de Paul Gilroy (2001) para aprofundar as articulações entre identidade, cultura e política; as questões de gênero e sexualidade que possuem semelhanças e diferenças importantes para as dinâmicas que impactam diretamente a experiência diaspórica; por fim, fica aberto os novos avanços da pesquisa quando concluídas as análises das entrevistas que foram realizadas com os estudantes.

## Referências

ANDREWS, G.R. **América afro-latina**, 1800-2000. Trad. Magda Lopes. Ed. Edufscar. São Carlos, 2007.

AROCHA, J., GUEVARA, N., LONDOÑO, S., DEL MAR, M. L. E RINCÓN, L. Elegguá y respeto por los afrocolombianos: una experiencia con docentes de Bogotá en torno a la Cátedra de Estudios Afrocolombianos. **Revista de Estudios Sociales**, n. 27, p. 94-105, 2007

BEJARANO, J. P. E. **Qual é sua raça ou grupo étnico?** Censos, classificações raciais e multiculturalismo na Colômbia e no Brasil, 103 f. Dissertação (Mestrado) Programa Multidisciplinar de Pós-Graduação em Estudos Étnicos e Africanos. Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2010.

BERNARDINO-COSTA, J. Decolonialidade, Atlântico Negro e intelectuais negros brasileiros: em busca de um diálogo horizontal. **Sociedade e Estado**, v. 33, n. 1, p. 117-135, 2018.

CARNEIRO, A. S. **A construção do outro como não-ser como fundamento do ser**. 2005. Tese (Doutorado). Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.

DE SOUSA SANTOS, B. **Una epistemología del sur**: la reinención del conocimiento y la emancipación. México: Ed. Siglo XXI-CLACSO, 2009.

Diáspora africana, mobilidade acadêmica e ensino superior: um relato de experiência do Programa de Desenvolvimento Acadêmico Abdias do Nascimento na Colômbia

DUSSEL, E. **1492: el encubrimiento del otro: hacia el origen del mito de la modernidad.**1994. La Paz: Plural Editora, 1994.

FANON, F. **Os condenados da Terra.** Rio de Janeiro. Civilização Brasileira, 1983.

GILROY, Paul. **O Atlântico negro: modernidade e dupla consciência.** Rio de Janeiro: Editora 34, 2001.

GOMES, N. L. O Movimento Negro educador: saberes construídos nas lutas por emancipação. In: BERNARDINO-COSTA, Joaze; MALDONADO-TORRES, Nelson; GROSGOUEL, Ramón. **Decolonialidade e pensamento afrodiaspórico.** São Paulo: Autêntica, 2018.

GOMES, N. L. **O movimento negro educador: saberes construídos nas lutas por emancipação.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

HALL, S. **Da diáspora: identidades e mediações culturais.** [s.l.: s.n.]. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

HALL, S. **Discurso y poder.** Ed. Ricardo Soto Sulca. 1ª ed. Peru: Huancayo, 2013.

LANDER, E.; OTHERS. **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais - perspectivas latino-americanas.** [s.l.] CLACSO, Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales. Conselho Latino-Americano de Ciências Sociais, 2005.

MALDONADO-TORRES, N. **sobre la colonialidad del ser: contribuciones al desarrollo de un concepto.** 2003. Disponível: <<http://ramwan.net/restrepo/decolonial/17-maldonado-colonialidad%20del%20ser.pdf>>. Acessado em: 16 ago. 2019.

MATTIOLI, E. A. K. **Povos indígenas na universidade: ação afirmativa e a geopolítica do conhecimento,** 202 f. Tese (doutorado) Programa de Pós-graduação em Sociologia. Universidade Federal de São Carlos, São Carlos. 2014.

MENDES, P. V. G. **Ações afirmativas para afrodescendentes: as políticas de reserva de vagas no ensino superior de Brasil e Colômbia.** p. 1–44, 2008. Disponível em: <<http://biblioteca.clacso.edu.ar/clacso/becas/20131220105935/2.pdf>>. Acesso em: 16 ago. 2019

MIGLIEVICH-RIBEIRO, A. **Por uma razão decolonial: desafios ético-político-epistemológicos.** Dossiê: Diálogos do Sul, p. 66–80, v. 14, n. 1, 2014. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/civitas/article/view/16181>>. Acesso em: 16 ago. 2019.

MOORE, C. W. **Racismo e sociedade: novas bases epistemológicas para a compreensão do racismo na história.** Belo Horizonte: Mazza, 2007. Disponível em: <<http://www.culturasjuridicas.uff.br/index.php/rcj/article/view/564>>. Acesso em: 16 ago.2019.

MUNERA, Alfonso. **El Fracaso de la Nación**: region classe y raza en el Caribe colombiano (1717 – 1821). Bogotá: El Ancora, 1998.

NASCIMENTO, Abdias do. **O genocídio do negro brasileiro**: processo de um racismo mascarado. São Paulo: Paz e Terra, 1978.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. **Proclamation of the International Decade for People of African Descent**. United Nations. Res. 68/237, adopted on 23 December 2013. 7 Feb. 2014. Disponível em: <<https://undocs.org/en/A/RES/68/237>>. Acesso em: 02 set. 2018.

QUIJANO, Aníbal. **A colonialidade do saber**: eurocentrismo e ciências sociais - Perspectivas latino-americanas. Buenos Aires: CLACSO, p. 117-142, 2005.

QUIÑONEZ, S. A. **Plan Colombia**: descivilización, genocidio, etnocidio y destierro afrocolombiano. *Nómadas (Col)*, n. 45, p. 75-89, 2016.

RESTREPO, E. **Etnización de la negridad**: la invención de las “comunidades negras” como grupom étnico en Colombia. Popayán-Colômbia: Editoria UC – Universidad Del Cauca, 2013.

SANTOS, W. O. Dos. **Políticas educacionais antirracistas Brasil e Colômbia**. Tese (doutorado). Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2017, 195 p.

UFSCAR. **Política de ações afirmativas, diversidade e equidade da Universidade Federal de São Carlos**. Secretaria Geral de Ações Afirmativas. Universidade Federal de São Carlos, 2016. Disponível em: <<http://www.nepedees.ufscar.br/arquivos/politica-de-aco-es-afirmativas-diversidade-e-equidade-da-ufscar>>. Acesso em: 05 set. 2018.

VAN DIJK, T. A. **Racismo y discurso en América Latina**. São Paulo: Ed. Contexto, 2007, 383 p.

WALLERSTEIN, I. M. **Geopolítica y geocultura**: ensayos sobre el moderno sistema mundial. Barcelona, Kairós, 2007.

**Submetido em: 21/06/2019.**

**Aprovado em: 16/08/2019.**